

## 01

**“A SILVANA”, DE TEFFI<sup>1</sup>**

Márcia Chagas Kondratiuk  
Ekaterina Vólkova

**Márcia Chagas Kondratiuk**

Formada em Letras pela FFLCH-USP e Matemática pela PUC-SP.

Educadora em Língua Portuguesa e Criação Literária, revisora e tradutora.

Publicou “O Trem dos Animais” (2013), “Lagartoleta” (2014), “Deusas Cegas” (2018) e “A Fábrica do Tempo” (2019), pela Editora Giostri, e participou como cotradutora em “Antologia do Humor Russo” (Editora 34, 2018).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1993-2890>.

E-mail: [marciacha2004@yahoo.com.br](mailto:marciacha2004@yahoo.com.br).

**Ekaterina Vólkova Américo**

Professora de Literatura e Língua Russa da Universidade Federal Fluminense.

Tradutora e pesquisadora de literatura e teoria literária em língua russa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5240530802975608>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5847-2444>.

E-mail: [ekaterinamerico@gmail.com](mailto:ekaterinamerico@gmail.com).

---

1 A fonte da tradução é: TEFFI. Lechatchíkha. In: Zolotóie diétstvo. Moscou: Rietch, p. 97-116.

Teffi, – pseudônimo literário da escritora, poeta e tradutora Nadiéjda Lokhvítskaia (1872-1952) – tornou-se famosa como autora de poemas, folhetins e crônicas de humor que publicava na revista *Satirikon* e em outros periódicos russos. Em 1918, após o fechamento do jornal *Rússkoie slovo* (Palavra russa), Teffi viajou para Kyiv e Odessa inicialmente para dar palestras sobre literatura, mas em seguida foi para a Turquia e instalou-se definitivamente em Paris.

O conto “A silvana” integra a coletânea *A bruxa* (Viédma, 1936), considerado pela autora seu melhor livro. Esta coletânea, enquanto parte da literatura russa da emigração, revela um olhar retrospectivo e nostálgico de Teffi sobre sua infância. Nos contos, o mágico, o fantástico e o inexplicável são atribuídos às personagens comuns: a criada se transforma em bruxa ou em sereia, o bebê em vampiro, o jardineiro em feiticeiro e assim por diante. É como se cada uma dessas personagens levasse uma vida dupla: a de pessoa comum, triste e ordinária, e a de uma criatura fantástica, que é dona de si e do mundo ao redor. A introdução do elemento fantástico se dá ora por meio das fofocas e superstições dos adultos, ora pela imaginação infantil exacerbada.

O conto “A silvana” não é diferente. A autora toma um personagem mitológico presente no imaginário eslavo e lhe dá a forma feminina, o que o impregna de conteúdo crítico quanto às questões de gênero.

Sátiro ou fauno para os antigos gregos, o silvano (do latim *silvanus*) participa do mesmo campo semântico: denota um ser da floresta, metade humano, metade animalesco, incapaz de socializar

no mundo dos homens. Ademais de suas maneiras incivilizadas, é conhecido por causar pânico (palavra derivada do deus Pã), sem motivo aparente aos que atravessam a floresta. A escritora associa este ser fantástico à sua personagem ao lhe dar a alcunha de “silvana”. Aparentemente realista, a personagem é descrita como tendo todos os atributos do *silvanus*, inclusive os episódios de terror dos que passam pela floresta em viagem, ouvindo ruídos ou vivenciando acontecimentos que são imediatamente relacionados a ela por meio das fofocas. É a “mocinha rude e incivilizada” que não sabe se comportar em sociedade.

Assim, Teffi constrói sua crítica sutil às convenções quanto ao feminino por meio do suspense de uma trama fantástica cujo personagem é convencionalmente masculino – o lobo mau que come a vovó; o bicho papão etc.

Inserindo-a em um contexto social de sua infância, a autora ironiza as convenções quanto ao que é esperado de uma senhorita. Além de não ter bons modos, a silvana não sabe se vestir e – pecado dos pecados – é feia, ou, mais precisamente, sua beleza difere dos padrões. Tudo isso é descrito do ponto de vista das crianças como algo temido e admirado. A mulher que não se comporta como mulher – eis algo que sempre foi assustador, desde o tempo da caça às bruxas. E como não poderia deixar de estar associado aos complexos edipianos, a personagem é explicada pelos vizinhos como malquista pelo pai. O conto insere essa trama de amor não correspondido como mais um elemento do senso comum com que a mulher é vista quando não se encaixa perfeitamente ao papel. De certa forma, o tom irônico da narradora ao se lembrar, já adulta, dos acontecimentos misteriosos de sua infância e do

tratamento dado à silvana, aproxima a autora de sua personagem. Porém, o conto não reduz a questão a uma simples crítica, mas deixa aberta a porta ao mistério. O que era essa criatura de fato?

## A SILVANA<sup>2</sup>

Teffi

Eis uma palavra bem assustadora – “silvana”.

É provável que eu nunca mais a tenha escutado.

Mas nos tempos da minha infância, travei conhecimento com essa palavra devido a uma história muito misteriosa, daquelas que já não existem em lugar algum no mundo.

Essa é a história que quero contar.

Naquela época, sempre passávamos o verão na província de Volínia<sup>3</sup>, na propriedade de minha mãe.

Tínhamos poucos conhecidos por lá porque os proprietários de terras ao redor eram todos poloneses, mantinham-se apartados, e parece que mesmo entre eles não eram muito amigos, sempre tentando competir uns com os outros, quem era mais rico ou mais nobre.

Mas um dos vizinhos, o velho Conde I. visitava-nos de vez em quando, pois havia conhecido mamãe, certa vez, numa estação de águas no estrangeiro.

Lembro-me bem do Conde I.

---

2 Em russo, o título é “Lechátchikha”, feminino de *liéchi*. No folclore eslavo, *liéchi* é o espírito que protege florestas. Optamos por traduzir o título como silvana, feminino de Silvanus (silvano), deus da floresta, figura da mitologia romana, correspondente ao deus Pã dos gregos.

3 Região da Ucrânia, na época uma parte do Império Russo que faz fronteira com a Polônia.

De estatura enorme, magro, com bigodes completamente brancos. Se era calvo não sei, porque não conseguia ver o topo de sua cabeça, mesmo que ele estivesse sentado e eu de pé: na época eu não tinha mais que seis anos.

Mas um detalhe de sua aparência ficou gravado em minha memória, porque me impressionou de fato: no dedo mindinho da mão esquerda – grande, branca e ossuda –, ele tinha uma unha dura e amarela, de um comprimento absolutamente incrível. Essa unha provocou muitas conversas no nosso quarto de crianças.

– Quantos anos será que leva para uma unha crescer assim? – houve quem dissesse dois, outros disseram vinte, e um até decidiu que seriam pelo menos setenta anos, embora o próprio conde não passasse dos sessenta, de modo que parecia dez anos mais jovem que sua unha.

Meu irmão jurou que poderia, se quisesse, cultivar uma unha dessas em quatro dias.

– Então queira! Então queira! – gritaram os mais novos em unísono.

Mas ele não quis querer.

Os adultos também falaram sobre a unha. Disseram que estava na moda nos anos sessenta.

O conde era viúvo e não recebia ninguém, mas, passando por sua propriedade, muitas vezes admirávamos a bela casa antiga e o maravilhoso parque com um pequeno lago exótico.

No meio do lago havia uma ilha artificial redonda e verde, ligada à margem por uma ponte de correntes fantasmagórica. Ao redor da ilha, um cisne encantado nadava pensativo.

Nunca uma alma foi vista no parque ou perto da casa. No entanto, o conde não vivia sozinho. Com ele morava uma filha caçula, então adolescente, por volta dos quinze anos. Eu a vi certa vez na *costel*<sup>4</sup> em que a nossa governanta católica nos levava.

A jovem condessa até que era bonita, mas um pouco bruta e desajeitada. Rosto branco e corado demais, sobrancelhas grossas demais, cabelos pretos demais, quase azuis. Uma máscara.

Era assim que eu imaginava a rainha má dos contos de fadas, que perguntou ao espelho se haveria no mundo “alguém mais adorável, mais rosado e mais branco?”.

Vestia-se com simplicidade, mas sem graça.

E então, certa vez, o conde a trouxe para nos visitar, de vestido de musselina branca com lacinhos azuis, os cachos frisados e de luvas brancas. O tempo todo ela ficou sentada ao lado do pai, muito empertigada, de olhos baixos, e só às vezes lhe lançava um olhar malicioso, de zombaria.

Parecia dizer: bem, aqui estou, toda arrumada. E agora, o que mais vai querer de mim?

Respondia às perguntas com “sim” e “não”. No almoço, não comeu nada.

À noite, o velho conde, depois de conversar longa e misteriosamente alguma coisa com minha mãe, começou a se despedir. Sua filha pulou alegremente do lugar, mas ele a deteve:

– Você vai passar a noite aqui, ládia. Quero que conheça melhor suas novas amigas.

Ele sorriu gentilmente para minhas irmãs mais velhas.

4 Em ucraniano, uma catedral católica romana.

lália parou, espantada. Seu rosto ficou carmesim, suas narinas dilataram-se, seus olhos pararam. Ela olhava o pai em silêncio.

Ele hesitou por um momento, aparentemente muito envergonhado, talvez com medo de alguma coisa.

Venho buscá-la amanhã de manhã, disse ele, tentando não olhar para ela. E acrescentou em polonês: Comporte-se, para que eu não tenha vergonha de você.

Todos saíram para a varanda para se despedir do conde.

Assim que sua carruagem, puxada por dois pares de cavalos, afastou-se do portão, lália, virando as costas para minhas irmãs maiores, num relance pegou minha mão e a de Lena, de cinco anos, e nos arrastou para o jardim.

Eu, muito assustada, mal conseguia acompanhá-la. Lena tropeçava, fungava e estava a ponto de chorar.

Quando já estávamos longe, na parte mais fechada do jardim, ela soltou nossas mãos e disse em francês:

– Fiquem quietas!

Ela se agarrou a um galho e subiu em uma árvore.

Nós assistíamos a tudo apavoradas, mal conseguindo respirar.

Tendo subido bastante alto, ela abraçou o tronco com as pernas e começou a deslizar para o chão. Pedacos de musselina ficaram pendurados na casca áspera e os lencinhos azuis caíram um atrás do outro...

– lááá!

E ela pulou.

Toda vermelha, contente, malvada, balançava os farrapos de seu vestido e dizia:

– Ahá! Ele ainda queria me levar com este vestido para visitar os Miuntchinski – Mas olhe isso! Olhe isso!

Então virou-se para nós, desatou a rir e ameaçou-nos com o dedo:

– Fiquem quietas, suas rãs estúpidas! Eu estou com fome.

Ela foi até uma cerejeira e começou a sugar a seiva de um ramo. Depois arrancou quatro folhas da tília, cuspiu nelas e as colocou em nossas bochechas.

– Agora vão para casa e não se atrevam a tirar as folhas, nem para dormir. Estão me ouvindo? Rãs!

Corremos de mãos dadas o mais rápido que pudemos, segurando as folhas para não caírem. Essa garota estranha nos assustou muito.

Em casa, nós choramos aos prantos, a babá nos lavava e as irmãs gargalhavam. Devemos ter parecido realmente estúpidas, assustadas e chorosas.

– Mas por que não jogaram fora as folhas?

– Porque ela mandou não tira-a-a-r!

Logo Ládía também voltou do jardim. Vinha orgulhosa, segurando com as mãos os trapos do seu vestido. Na hora de deitar, recusou-se a se despir, tirou apenas os sapatos e virou-se para a parede.

Mamãe disse às irmãs:

– Não prestem atenção às manhas dela. Isso deve ser patriotismo, ela não quer comer nem conversar em uma família russa. Uma garota completamente selvagem, nenhuma governanta é capaz de domá-la. O velho tinha esperança de que ela fizesse amizade com vocês...

Às seis horas da manhã, um mensageiro veio a galope com uma carta do conde: ele pedia que o perdoassem pelo incômodo que causara e que não se preocupassem porque sua filha já havia retornado à casa em segurança.

Correram para o canto onde Iádia havia passado a noite: a cama estava vazia, a janela escancarada. Acontece que ela fugira à noite. Mas a propriedade deles ficava a pelo menos dez *verstas*<sup>5</sup> de distância!

Depois do café da manhã, chegou o velho I. Desculpou-se muito e, pelo visto, estava terrivelmente chateado.

Todos nós, é claro, fingimos que a escapada de sua filha fora muito fofa e engraçada e pedimos que mandasse beijos a *cette charmante petite sauvage*. Mas depois todos ficaram indignados ainda por um longo tempo.

A seguir, não vimos o conde nem sua donzela furiosa por cerca de quatro anos; encontramos-nos somente quando começou a história selvagem que eu queria, de fato, contar.

Estávamos voltando de uma viagem. Passávamos pela floresta do conde.

A floresta era densa, bastante fechada, e entre tílias, carvalhos e bétulas farfalhavam abetos altos, o que era bastante raro naquela região.

– Gu-gu-gu! – gritou algo dentro do matagal.

– U-u-u! – respondeu o eco.

– O que é isso - uma coruja? - perguntamos ao cocheiro. Sem responder, ele balançou a cabeça e chicoteou os cavalos.

– Gu-gu-gu!

5 Antiga medida russa de distância, 1 *versta* é equivalente a 1.668 quilômetros.

– U-u-u!

– Devem ser ladrões... – sussurrou minha irmã. – Ou lobos...

As crianças russas sempre têm algum tipo de medo na floresta. Talvez num lugar aberto ou descampado, esse mesmo “gu-gu-gu” não causasse nenhuma impressão, mas na floresta era aterrador. A floresta é “escura” não apenas por sua falta de luz, mas também por suas forças misteriosas.

Para as crianças, na floresta mora o lobo. Não aquele lobo que é perseguido pelos caçadores, parecido com um cão magro com o pescoço inchado, mas uma criatura poderosa, um mestre da floresta que fala com voz humana e engole a vovó viva. Elas aprendem sobre sua existência nos contos de fadas antes de vê-lo em imagens, portanto, para a imaginação da criança, ele parece um monstro tão furioso como ela nunca mais verá em toda a sua vida, na nossa terra enfadonha.

Uma menina me perguntou:

– Como a estrada de ferro anda à noite? Ela não tem medo?

– De quê?

– E se ela encontrar um lobo?

Assim pois, esse “gu-gu-gu” nas profundezas escuras da floresta nos assustou. Claro, entendemos que os lobos não tinham nada a ver com isso e que os ladrões talvez não precisassem gritar. Mas havia algo sinistro e sobrenatural naquele grito.

O cocheiro ficou calado e só quando saímos para o prado ele se virou e disse:

– É a silvana que grita.

Nós nos entreolhamos com surpresa.

– Deve ser provavelmente alguma raça de corujas por aqui.

Mas o cocheiro virou-se novamente e disse muito sério:

– Ela não é da raça das corujas, mas da do conde. – E repetiu:

– A silvana.

Ficamos calados sem entender nada, e ele falou novamente:

– É a *panna*<sup>6</sup> do conde, *hrabianka*, filha. Quando o velho conde vai caçar, ela traz a caça até ele de toda a floresta. Mas nessa situação ela grita diferente. Hoje, pelo visto, está passeando sozinha. Eles não são bons!

O que não era bom e por que ela estava gritando – não entendemos nada, mas era algo assustador.

– Essa é a mesma lúdia selvagem que passou a noite conosco?

– Claro que é ela. Mas por que está gritando?

Em casa relatamos esse evento extraordinário. A velha governanta riu.

– Ah! Vocês ouviram a silvana! Nossa Gapka trabalhava na horta deles, ela foi para o lago com um balde. Começou a pegar água e ouviu como se alguém atrás do arbusto estivesse chapinhando na água. Ela olhou e viu a *panna* tomando banho, e tinha pelos até a cintura, como um cachorro. Gapka gritou e perdeu o balde. Mas a silvana pulou na água e sumiu. Deve ter ido bem para o fundo.

Encontraram Gapka. Ela pareceu ter ficado com medo porque todos nós sabíamos. Respondeu secamente. Certamente ela mentira a todos e agora não sabia o que fazer.

---

6 Em polonês: moça, garota.

Em vista de tudo isso, começaram a falar muito sobre a condessa selvagem. A população local dizia que ela amava dolorosamente ao pai, enquanto este não a amava tanto assim. Na certa, se envergonhava por ela ser tão desajeitada...

Logo a seguir, o próprio conde apareceu em nossa casa.

Ele chegou em sua carruagem atrelada a dois pares de cavalos e, desta vez, trouxe as duas filhas: Ládía e a mais velha, Eleanor, que não conhecíamos. Parece que tinha sido criada na Suíça, porque desde a infância tinha tuberculose e era impossível mantê-la em casa.

Essa outra filha era bem diferente. Muito magra, pálida, encurvada, com cachos cinzentos, tinha o rosto parecido ao do conde, maneiras lânguidas e vestia-se à moda estrangeira.

Nossa Ládía apareceu com um vestido rústico feito de seda amarela de má qualidade, pelo visto, fruto do trabalho de alguma costureira local. Durante esses quatro anos, ela se tornara uma garota robusta, as sobancelhas unidas em uma linha reta e um bigodinho no lábio superior.

O conde estava visivelmente orgulhoso de sua filha mais velha. Chamava-a carinhosamente de Niúnia, fitava-a com amor, e até de forma coquete. Ele nos contou como havia recobrado a vida com sua chegada, que por dias inteiros eles liam juntos, caminhavam, e que ele não a deixaria mais ir embora.

Ládía estava taciturna e muito inquieta. Ela corou em alguns momentos, ficou em silêncio e só interrompia quando sua irmã queria dizer alguma coisa.

Eu, particularmente, não gostei muito dessa Niúnia. Havia nela algo de falso, e ela mostrou com muita nitidez seu desprezo pela irmã caçula. De certa forma, senti pena da pobre silvana.

Eu espiava em silêncio, escondida atrás do encosto da poltrona, e não tirava os olhos dela. Via-a cantarolando na floresta negra, conduzindo os animais. Para mim, ela era terrível a ponto de meu coração bater forte, mas, ao mesmo tempo, sentia pena dela. Parecia uma fera terrível, abatida, se contorcendo.

Deram-lhe pouca atenção na sala de estar. Talvez até considerassem mais delicado não notar seus modos desajeitados e suas roupas vulgares. Além do mais, era difícil travar uma conversa com ela. Como se pode falar em tom coloquial com uma garota de bigode que, como um silvano, vagueia pela floresta e assusta as pessoas?

Todos se voltaram para Niúnia, exclamavam como Niúnia era adorável e, o mais importante, o quanto era parecida com o pai.

Então a silvana pulou e gritou:

– Não é verdade! Ela não se parece nem um pouco com ele. Ela é corcunda, e meu pai e eu somos retos e saudáveis.

Ela agarrou os cachos da irmã com rapidez e os ergueu, abrindo os ombros encurvados e tortos dela. E desfez-se em gargalhadas.

Niúnia corou de leve e libertou o cabelo das mãos da silvana. Ela não disse nada, apenas apertou os lábios.

Mas o velho conde ficou mortalmente aborrecido. Estava tão confuso que dava pena olhar para ele. Ele me pareceu prestes a cair no choro.

É claro que todos começaram imediatamente a falar alto e com animação, como sempre acontece quando se quer esquecer um momento desagradável.

O conde, como cavalheiro que era, logo dominou sua agitação e começou a contar que queria entreter sua hóspede estrangeira, travar amizades, jogar tênis, organizar piqueniques e caçadas. A meiga Niúnia precisava de esporte, moderado, é claro, e o mais importante, de diversão.

A silvana, depois de sua explosão selvagem, de repente murchou e parecia nem ouvir o que estavam dizendo.

Só quando já estavam saindo aconteceu uma pequena cena: lália pulou rápido, antes de seu pai, na carruagem e ocupou o melhor banco. Niúnia subiu atrás dela e, apertando os lábios, sentou-se desafiadora no banquinho da frente. Então o pai pegou Niúnia com carinho pelos ombros e sentou-a ao lado de lália, enquanto ele próprio se sentou em frente delas. lália pulou e sentou-se ao lado do pai, com uma expressão infeliz e completamente desvairada.

\* \* \*

Minhas irmãs mais velhas foram convidadas para a primeira visita à casa do conde, para o café da manhã no domingo seguinte, ou seja, uma semana depois da visita que descrevi.

Nós nos divertimos fantasiando sobre esse café da manhã.

– Posso imaginar o que a silvana vai aprontar!

– Terrível silvana! É bem provável que Niúnia a obrigue a raspar o bigode.

– Mas ela é tão má que, para contrariar, vai deixar crescer a barba até domingo.

Como nós, os pequenos, não estaríamos nesse café da manhã, fomos especialmente espirituosos nas brincadeiras:

– Podem ir! Podem ir! A silvana vai alimentar vocês com pinhas de abeto.

– Ela vai cuspir nas suas bochechas e colar folhas!

Então, a dois dias da festividade marcada chegaram notícias terríveis: Niúnia, ou condessa Eleanor, a filha mais velha do conde, morrera repentinamente.

Ela teve um fim estranho – foi morta na floresta por uma árvore.

Os criados já sabiam do evento, eles conversavam entre si e nós ouvíamos o tempo todo a palavra: “A silvana, a silvana”.

O que a silvana tinha a ver com isso?

Soubemos dos detalhes: Niúnia, que nunca saía do parque e em geral andava muito pouco, certa manhã disse ao pai que não podia ler em voz alta para ele no momento, porque tinha de ir à floresta sem falta. A essa altura, como o conde relatou mais tarde, ela parecia muito nervosa e apressada.

Ela saiu e desapareceu, não voltou para o almoço. À noite, o cavaliço a encontrou. Ela jazia deitada, esmagada por uma árvore enorme. O tronco colossal a cobria inteira, o cavaliço viu apenas as pernas. A árvore precisou ser erguida com uma corda.

– A silvana, a silvana! – sussurravam os criados do conde.

Mas o que a silvana tinha a ver com isso – ninguém conseguia explicar.

Diziam que justamente naquele dia ela estava doente e nem saiu de casa. Além do mais, tudo isso é bobagem! Mesmo que ela estivesse na floresta, não poderia ter derrubado uma árvore que dez homens mal arrastaram com cordas.

Pelo visto, esse foi o destino da pobre Niúnia.

A silvana foi vista no funeral. Quieta, ela segurava a mão do conde o tempo todo.

É provável que essa história estaria esquecida se, dois anos depois, não houvesse acontecido outra, que tornou esta primeira ainda mais terrível – a morte da infeliz Niúnia acabou sendo muito mais misteriosa e inquietante do que as pessoas sensatas e prudentes poderiam imaginar a princípio.

E, se não houvesse acontecido a segunda história, talvez nem valesse a pena contar tudo isso.

Eis o que sucedeu dois anos depois.

Ao longo desses dois anos, de alguma forma tínhamo-nos esquecido da silvana.

O conde não aparecia e nada de novo foi ouvido.

E eis que surgiu em nossas terras uma criatura sobre a qual todos começaram a falar de imediato.

Um dos vizinhos contratou um novo administrador para sua propriedade, e esse administrador tinha uma filha jovem de beleza sobre-humana.

Cada um, é claro, a descrevia à sua maneira. Nossa governanta, que a viu no *costel*, derramou seu deleite com as seguintes expressões:

– Ah, eu olho para ela e penso: agora eu vou estourar. Seus olhos são duas estrelinhas piscando. Seu rosto é tão limpinho, e ela fica assim sorrindo como um passarinho.

A esposa do nosso administrador, uma pessoa refinada e educada em Proskúrov, disse:

– Ela não é feia, claro, mas ainda é muito jovem. Vamos ver o que sairá dali em trinta anos, e então julgemos.

O professor do meu irmão, um eterno estudante que secretamente corria para o *costel* todos os domingos (não por necessidade religiosa), quando perguntado respondeu, todo ruborizado:

– Como posso dizer... Ela me parece uma pessoa bastante consciente.

Foi por essa pessoa bastante consciente que o velho conde se apaixonou.

Ainda não sabíamos que ele estava apaixonado quando, depois de uma pausa de dois anos, inesperadamente ele veio nos visitar, à noite, sozinho, e estava tão estranho, todo entusiasmado, com olhos nublados e felizes. Conversou apenas com os jovens, pediu a minha irmã que cantasse.

Minha irmã cantou uma romança com a letra de Aleksei Tolstói<sup>7</sup>: “Eu não posso expressar o quanto te amo”.

Ele entrou numa espécie de deleite irrefreável, fez com que repetisse a última frase várias vezes, depois sentou-se ao piano e tocou, cantarolando um pouco, a velha canção: *Si vous croyez...*

Ele sorria com tanto charme, tristeza e ternura, meio cantando, meio recitando, que cativou não apenas os jovens, mas também os adultos.

– Que pessoa interessante! Quem teria imaginado!

– Por tantos anos nós o consideramos um velho secarrão de unha comprida. Que unha, que nada!

– Que encantador!

---

7 Aleksei Tolstói (1883-1945) – escritor e poeta russo e soviético da linhagem dos Tolstói.

– Que adorável!

E por muito tempo ainda nós uivamos a várias vozes a canção que ele entoou:

Que je l'adore, et qu'elle est blonde  
Comme les blés.

Foi particularmente forte a impressão causada pela romança do conde sobre minha prima, recém-formada no instituto. Ela era loira e, portanto, atribuiu a si a expressão *blonde comme les blés*. Durante uns cinco dias após a noite memorável, ela permaneceu numa doce e trêmula melancolia, comia apenas maçãs e saía a passear com os cabelos soltos ao luar.

Mas tudo isso acabou logo, quando ela pegou um resfriado.

Minha irmã mais nova e eu, apesar de nossos onze-nove anos, também não ficamos alheias à influência dos traços românticos. E, para de alguma forma desabafar nossos sentimentos, corremos para o jardim, colhemos rosas e as enfiamos no guarda-chuva do conde.

– Vai chover, o conde vai abrir o guarda-chuva e, de repente – toda uma cascata de rosas vai cair em sua cabeça!

Talvez só nossa babá tenha permanecido fria em relação a ele:

– Comprido como toda uma floresta. Dá para pendurar uma vaca nele.

A definição era misteriosa, mas decerto não entusiasta.

A governanta, bisbilhotando da despensa, e a lavadeira, na porta do corredor, compartilhavam o deleite dos demais.

É óbvio que no dia seguinte só se falou sobre o conde. E então descobriu-se que ele estava apaixonado.

Os primeiros a descobrir, é claro, fomos nós, os mais novos, no quarto das crianças.

Sempre éramos os primeiros a saber exatamente o que deveria ser escondido de nós: que a empregada queria se casar com o cocheiro, que a esposa do administrador fugira duas vezes ou para quem a filha do jardineiro não parava de olhar. Geralmente à noite, quando íamos para a cama, a governanta corria até a babá e começava a contar as novidades do dia em um sussurro assobiado.

A babá, para dizer a verdade, sempre nos dizia com severidade e pedagogia:

– Bem, vocês... não há nada para ouvirem aqui! Isso não é nada bom para as crianças.

Então nos calávamos e chegávamos mais perto.

Foi assim que soubemos que o velho conde estava apaixonado pela jovem e linda Ianina. Que todo o mundo via como ele a olhava no *costel*, e todo o mundo sabia que cada manhã o cavaliariço do conde levava para Ianina um enorme buquê.

– Como é que eles sabem dessas coisas! – exclamavam os adultos, enquanto nós, excitados e interrompendo uns aos outros, contávamos a incrível notícia.

No entanto, eles fingiam que já sabiam de tudo há muito tempo, e fomos proibidos de repetir esse tipo de absurdo.

Não repetimos mais, mas eles mesmos já não se desviavam desse assunto.

– O conde está apaixonado!

– Vai se casar?

– Vai seduzir e abandonar?

– Não, não pode ser! Ele conduz a coisa toda de modo tão aberto...

E então uma novidade: o conde foi visitar o administrador na carruagem com dois pares de cavalos. Nosso jardineiro viu tudo com seus próprios olhos.

– Eu vi como estou vendo você, babá, – assobiou o sussurro da governanta. – Então, ele disse que chegou tão perto que sujou de lama a barra das calças. Ele até me mostrou a lama. Não tem dúvida. O conde vai se casar.

E mais notícias – o conde foi visitar o *Ksiqdz*<sup>8</sup>.

Depois, alguém viu como os mujiques estavam limpando o lago do conde. Isso foi tido como um dos sinais indubitáveis do casamento.

Então alguém insinuou ao conde, e o conde não negou, e até, dizem, sorriu.

E – coisa estranha – todos se esqueceram completamente da silvana. É verdade que ela não se mostrava em lugar algum durante esse tempo, mas ninguém dava nenhuma sugestão de como ela poderia se relacionar com tal evento. De uma hora para outra a silvana terá uma madrastra, e uma tão meiga que «sorri como um passarinho».

E de súbito – uma notícia estranha. No começo nem acreditaram. Mas tudo foi confirmado. De manhã o conde foi caçar, levando consigo seu valete. Ele costumava fazer essa caminhada, nem tanto para atirar, mas por poesia. Ele ia na frente, com as mãos atrás das costas, admirava, cantarolava alguma coisa

---

8 Em polonês: o padre.

– em especial, recentemente começara a cantarolar muito. Atrás dele, a uma distância respeitosa de cerca de dez passos, andava um valete com uma espingarda. Se o conde quisesse atirar, ele chamaria o valete e pegaria a espingarda. O pássaro, é claro, não esperava que tudo isso acontecesse, pois, ao ouvir o canto do conde, ia imediatamente para algum lugar mais calmo, mas isso não importava.

Eis que o conde levantou a cabeça e admirou um pombo selvagem que girava dentro de uma coluna dourada de raios de sol.

– Como o Espírito Santo. Jesus Maria!

E antes que tivesse tempo de terminar estas palavras, recebeu um forte empurrão nas costas, de modo que voou alguns passos, no mesmo instante em que uma enorme árvore desabava atrás dele. Foi o valete que o salvou, caso contrário, ele teria sido esmagado como sua pobre *panna torta*, *hrabianka* mais velha. O valete contou mais tarde que se o conde não tivesse pronunciado o nome de Deus, certamente teria morrido e não haveria tempo de empurrá-lo.

De novo começaram a murmurar:

– A silvana! A silvana!

Que maldita floresta é essa em que árvores matam pessoas?

O conde machucou um pouco a perna, mas se assustou bastante. Ficou branco como uma folha, tremia todo e não conseguia andar sozinho. O valete o carregou nos ombros e depois algumas pessoas vieram ajudar.

Quanto à silvana, dizem que saiu na janela e viu o pai sendo carregado, mas não correu ao seu encontro e só desceu tarde da noite, abriu a porta em silêncio e entrou no quarto do pai.

O que aconteceu lá, ninguém sabe. Só que eles ficaram juntos até o amanhecer.

Pela manhã, o conde enviou um mensageiro com uma grande e pesada carta para a jovem *panna lanina* e, junto com a carta, uma rosa. Ele também enviou uma carruagem até a cidade para buscar o tabelião, e por muito tempo, ele e o tabelião escreveram alguma coisa; depois correu o boato de que ele havia baixado boa parte da herança para a filha do administrador. A silvana estava na sala o tempo todo e não saía de perto do conde.

Na manhã seguinte, arrumaram uma carruagem de viagem e uma carroça para as bagagens, e o velho conde saiu com sua filha, com a silvana. Todos notaram que o conde estava branco como giz e que sua cabeça tremia. A silvana guiava-o pelo braço. Em uma única noite o rosto dela havia murchado – só restavam sobrancelhas e bigodes.

Os dois entraram na carruagem e partiram.

O cocheiro mentiu, mais tarde, dizendo que o conde ficara em silêncio o tempo todo e que a silvana chorava. Porém, é claro, ninguém acreditou. Por acaso a silvana pode chorar? É até engraçado!

No final do outono, a caminho da estação, passamos em frente à propriedade do conde.

O parque havia ficado transparente e frio. Através dos galhos nus, via-se uma casa com janelas cegas pintadas de branco.

Pendurados numa corda esticada entre as colunas austeras da entrada, alguns casacos de pele.

A ilha no meio do lago, suja e molhada, parecia meio afundada.

Meus olhos ficaram procurando o cisne...